
SEGUNDO CAPÍTULO

O aparecimento da arquitectura (subterrânea)

“Onde devemos iniciar a história da arquitectura?
Quando é que a arquitectura começou?”¹

Existem algumas ideias distintas entre os investigadores sobre qual terá sido a origem e a essência da arquitectura: a anta, a caverna ou a cabana?² Tratam-se de símbolos físicos de arte, de abrigo e de uma racionalidade materializada e construída.

Ao contrário do menir, que representa a arquitectura como símbolo, uma arquitectura não habitável, a caverna é a arquitectura como abrigo, é a necessidade de habitar, de se abrigar e de se proteger de um mundo agressivo.

A caverna surge como uma necessidade materializada na própria terra, pois é certo que as primeiras habitações humanas foram as cavernas, que a Natureza oferecia como refúgio contra os animais e contra o clima. Desta forma, a caverna transcende a sua condição geológica natural e transforma-se em arquitectura, na sua forma mais pura.



Fig. 01 / 02 / 03 – Uma anta, uma cabana e uma caverna representam as origens da arquitectura

¹ KOSTOF, Spiro, *História de la arquitectura*, 1º Volume, Madrid: Alianza, 1988

² PEREIRA, José Ramón Alonso, *Introducción a la historia de la arquitectura: de los orígenes al siglo XXI*, Barcelona: Editorial Reverté, 2005



Fig. 04 – Uma caverna que é um abrigo natural



Fig. 05 – A transformação de uma caverna num espaço de refugio e culto

Como é de conhecimento geral, desde sempre o ser humano sentiu uma necessidade instintiva de habitar, de encontrar um refúgio para se proteger do clima, dos animais e de outros perigos do mundo exterior.

No entanto, e durante muito tempo, a arquitectura não foi considerada apenas como abrigo. Durante esse período, a arquitectura consistia também na criação de espaços propícios para rituais, que constituía uma das primeiras necessidades do Homem.

Desta forma, pode-se considerar que a arquitectura existe desde que existe a vida humana, embora o seja de uma forma tosca, análoga à Natureza. A partir do momento em que existem rios e montanhas que dividem e organizam espaços, e grutas naturalmente escavadas que marcam determinados locais, começa a questão da arquitectura, independentemente da sua complexidade.

A arquitectura como abrigo/refúgio

Alguns séculos mais tarde, quando já se começa a pensar em arquitectura como abrigo, o “habitar” surge como um acto instintivo e a necessidade de encontrar um espaço que funcione como habitação parece ser inevitável.

No entanto, as primeiras gerações humanas não construíam esses espaços, simplesmente apropriavam-se dos que existiam e usavam-nos como refúgio. Na maioria dos casos, esses espaços encontravam-se ali, escavados na própria Terra sob a forma de grutas, prontas para serem usadas.

Porém, estas habitações tinham um grande inconveniente, eram escuras, podendo esconder no seu interior diversos e desconhecidos perigos. Neste sentido, a invenção do fogo foi um factor determinante, pois permitiu ao Homem desvendar o interior das grutas e simultaneamente afastar as adversidades que estas continham, tornando estes locais seguros e prontos a serem habitados sem riscos.

Com o passar do tempo, tanto as técnicas construtivas evoluíram como a mentalidade e a forma de pensar do Homem foi ficando diferente.

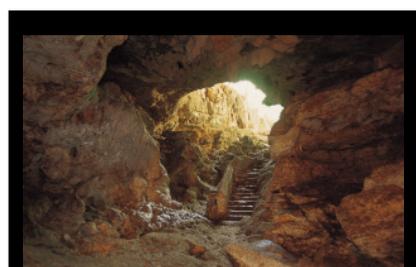


Fig. 06 – A caverna-santuário, Mexico



Fig. 07 – Ilustração da invenção do fogo

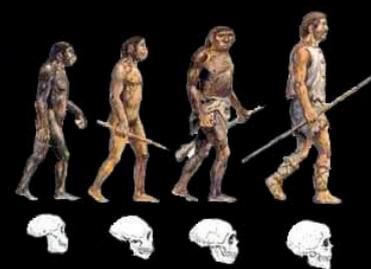


Fig. 08 – A evolução do homem



Fig. 09 – Anta da Fonte Coberta, Aljô



Fig. 10 – Cromleque dos Almendres, Évora

Como alternativa à gruta, surgem as primeiras cabanas, cobertas com peles de animais para as proteger do clima. Por outro lado, os homens começaram a ficar preocupados com o seu destino, começaram a questionar sobre a morte e o que viria depois desta.

Face a estes receios e a estes pensamentos angustiantes, são criadas novas formas de culto e a relação do Homem com a Natureza é transformada em algo mais cerimonial e com base em rituais.

Deste modo, a escuridão dos interiores das grutas fica confinada a cerimónias sobre a vida e a morte, convertendo as grutas em santuários e dando alguma complexidade ao conceito de arquitectura.

Posteriormente, já com estes rituais bastante enraizados, a arte ganha bastante importância enquanto meio de expressão. Começam-se a fazer as primeiras pinturas murais de carácter mágico nas paredes das grutas, que assim concretizam a arquitectura religiosa desta época.

Dois casos emblemáticos: Lascaux e Altamira

Tudo o que foi referido até aqui pode ser visto tanto na gruta de Lascaux como na gruta de Altamira. Tratam-se de dois importantes exemplos de grutas naturais apropriadas e modificadas pelo Homem como espaços de refúgio e igualmente como locais sagrados para realizarem os seus rituais.

A gruta de Lascaux foi descoberta apenas em 1940 por um mero acaso e constitui um dos exemplos mais emblemáticos deste grupo, que se encontram ocultos na própria terra.



Fig. 12 – Os descobridores de Lascaux em 1940



Fig. 13 – Interior da gruta de Lascaux, Dordonha (c. 16.000 a.C.)



Fig. 14 – Pinturas das grutas de Lascaux

Fig. 11 – Interior da gruta de Lascaux, Dordonha (c. 16.000 a.C.)

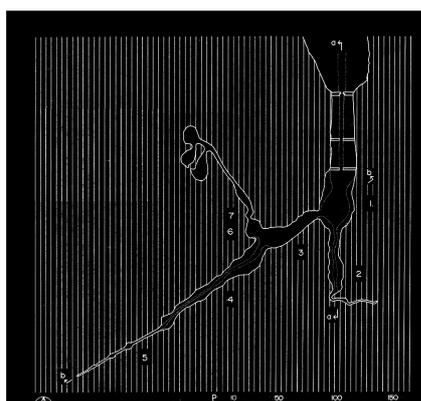


Fig. 15 – Planta da gruta de Lascaux, Dordonha (c. 16.000 a.C.)

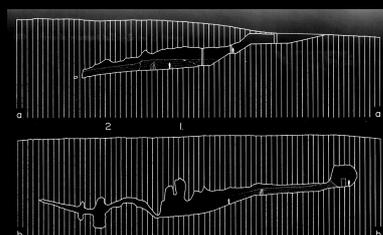


Fig. 16 / 17 – Cortes da gruta de Lascaux, Dordonha (c. 16.000 a.C.)

No que diz respeito à morfologia, a arquitectura natural da gruta apresenta muitas variações e irregularidades, o que poderia ter dificultado a sua apropriação. No entanto, esta configuração formal parece ter sido respeitada, apesar de se notarem algumas alterações como forma de complementar as características peculiares da gruta, resultando na criação de vários e distintos espaços.

Embora actualmente se encontre encerrada ao público, a entrada para esta gruta é feita a partir do nível da cobertura, no sentido descendente, através de uma cavidade resultante de um desmoronamento da rocha calcária que esconde todo este santuário.³ No seu interior, encontramos principalmente um conjunto de galerias com pinturas nas paredes e com alturas que vão oscilando ao longo do seu percurso e algumas zonas um pouco mais amplas. Da mesma forma, a cota do nível do piso transitável também vai variando, tornando o percurso muito irregular e bastante acidentado, chegando mesmo a existirem espaços de difícil acesso sem ajuda alheia.

³ A impossibilidade de visitar a gruta encontra-se compensada pela reprodução fidedigna do espaço, presente no museu dedicado a esta construção natural.

Tal como em outros casos, também aqui são visíveis as já referidas pinturas murais, com cenas de caça. Através destas, os caçadores acreditavam que garantiam o sucesso nas suas caçadas do dia a dia. Seguindo esta lógica de pensamento, a gruta representa um local sagrado onde eram depositados os espíritos dos animais, mesmo antes de estes serem caçados.

Por outro lado, a gruta de Altamira pode ser visitada numa colina nas imediações da vila de Santillana del Mar e trata-se de um exemplar que data do paleolítico, tendo sido descoberta em 1879.

A caverna em si consiste numa série de espaços organizados num longo corredor em forma de S. Esta sucessão de momentos apresenta espaços com diferentes configurações, com algumas variações de alturas e larguras em toda a sua extensão, fazendo deste abrigo um percurso orgânico e dinâmico.⁴

O homem pré-histórico apropriou-se destes espaços criados pela natureza e, no seu interior, os vestígios da presença humana resistem através das representações pictóricas.



Fig. 18 – Gruta de Lascaux, Dordonha

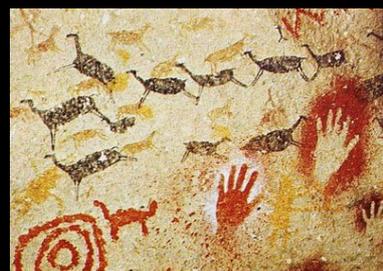


Fig. 19 – Pinturas das gruta de Altamira, Santillana del Mar



Fig. 20 – Pinturas das grutas de Altamira, Santillana del Mar

⁴ À semelhança do que acontece na gruta de Lascaux.



Fig. 21 – Interior das grutas de Altamira, Santillana del Mar



Fig. 22 – Museu das grutas de Altamira, reprodução da gruta, Santillana del Mar

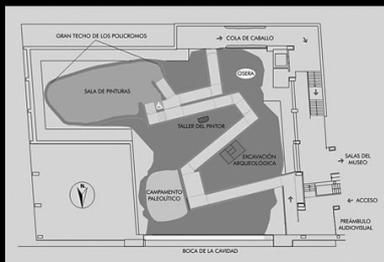


Fig. 23 – Planta do Museu das grutas de Altamira, Santillana del Mar

Fig. 24 – Planta esquemática da gruta de Altamira, Santillana del Mar

Na verdade, grutas pré-históricas como esta ficaram famosas principalmente pela sua arte parietal. As pinturas rupestres que adornam as paredes e tecto desta caverna fascinaram os historiadores pela sua perfeição, técnica e conservação.

Em 1924, a gruta de Altamira foi declarada monumento nacional e, em 1985, juntou-se à lista do Património Mundial da UNESCO. Em 2001 foram inaugurados o Museu Nacional e Centro de investigação de Altamira. Este novo complexo contém uma reprodução fidedigna das grutas e de toda a sua arte parietal.



A descoberta destas grutas veio revolucionar o estudo da pré-história. Através destas, e devido ao aparecimento de artefactos, utensílios de pedra e determinados resíduos orgânicos encontrados, supõem-se que na pré-história estes locais fossem refúgios e espaços para a realização de rituais, porém, na verdade nada se pode afirmar com certeza. Apenas podemos admirar a arte paleolítica e o engenho destes homens pré históricos em utilizar os meios disponibilizados pela natureza para criarem os seus refúgios.

Estas cavernas demonstram que o modo mais ancestral da casa reside no seio da terra e legitima todas as opções semelhantes praticadas ao longo da história da humanidade. Fica assim mais uma vez patente que o refúgio subterrâneo é uma das primeiras formas de arquitectura, é a protecção mais imediata e lógica que o Homem encontrou. É o retorno à origem.



Fig. 25 – Pintura das grutas de Altamira, Santillana del Mar



Fig. 26 – Reprodução da vida quotidiana do homem pré-histórico nas cavernas

O Neolítico: período de grandes mudanças

Os caçadores sentiam-se prisioneiros da sua própria vida e viam-se como algo insignificante face à presença misteriosa da Natureza. Tal como já foi referido, a única consolação que tinham encontrava-se nas profundidades da terra, nas grutas, onde realizavam rituais mágicos que garantissem a abundância de animais e o sucesso na sua captura. Era nas grutas que encontravam forças para enaltecerem as suas vidas.

No entanto, com as alterações de clima que se fizeram sentir, o Homem começa a alterar o seu modo de vida. Reconcilia-se com a Natureza e encontra nela outras ocupações, como o cultivo de terras e a criação de animais.

Mas para ter êxito nestas actividades eram necessárias várias condições, entre as quais uma vida sedentária. Com um local fixo para habitar, com as terras cultivadas e os animais a serem domesticados, o homem do Neolítico ganhava uma vida diferente e estável.

Paralelamente, a arquitectura viu-se obrigada a acompanhar todas estas mudanças e todo este desenvolvimento.



Fig. 27 – Stonehenge, planície de Salisbury (c. 3.000 a.C.)

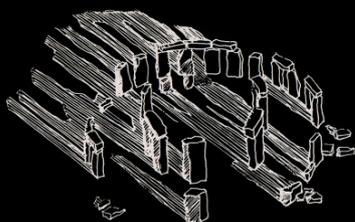


Fig. 28 – Reprodução de um monumento megalítico

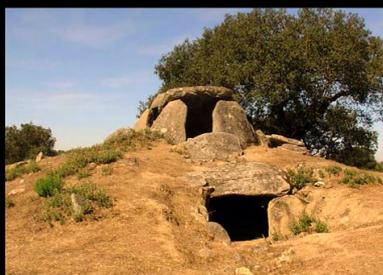


Fig. 29 – Anta de São Geraldo, Montemor-o-Novo (c. 4.000 a.C.)

Porém, os conceitos de “gruta”, “habitação” ou “santuário” mantêm-se, embora de uma forma distinta.

Toda esta valorização do acto de habitar⁵ associada às novas ideias sobre a conservação dos defuntos e à crença de uma vida depois da morte, fazem com que se criem os primeiros túmulos.

Estes monumentos foram provavelmente as primeiras manifestações arquitectónicas de carácter permanente e, apesar de serem destinados apenas a algumas pessoas (distinção social), eram considerados alojamentos para a outra vida que se acreditava existir. Tratam-se de casas de pedra, com paredes e cobertura, na sua maioria cobertas com um monte de terra, que servem de abrigo para os mortos, à semelhança do que acontecia com os vivos alguns anos antes.

Adoptando muitas e variadas formas ao longo dos tempos, o túmulo traduz-se numa construção escavada na terra, carregada de simbolismo. O túmulo funerário constitui assim a arquitectura megalítica, disposta ao ar livre ou coberta com um monte de terra, fazendo alusão a uma espécie de habitação para mortos.

⁵ Como consequência da sedentarização e de uma necessidade de se fixar num local específico.



Fig. 30 – Templo neolítico de Gantija, Malta (c. 3.600 a.C.)



Fig. 31 – Mamoa, Viseu



Fig. 32 – Mamoa, Vigo

As mamoas

Uma variante destas construções funerárias camufladas pela terra é a denominada mamoia. As comunidades neolíticas construíram e usaram este tipo de construção durante todo o 4º milénio A.C. (4000-2500 A.C.). Tratam-se de monumentos de enterramento e de culto, utilizados quer como túmulos quer como locais sagrados, onde tinham lugar vários rituais.

Formalmente, a mamoia apresenta-se como um pequeno monte artificial que cobre uma câmara dolménica, sendo feita essencialmente de terra e com algumas pedras. Se estas construções fossem feitas apenas com terra, teriam sido facilmente destruídas pelas acções do tempo e o dólmen ficaria exposto.⁶ Assim, justifica-se que sejam agregadas algumas pedras de forma a dar mais resistência e coesão ao conjunto. Este sistema construtivo demonstra uma inteligente solução arquitectónica feita para durar e sem recorrer a argamassas.

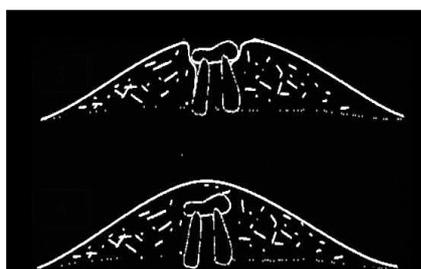


Fig. 33 – Esquema ilustrativo de uma mamoia



Fig. 34 – Mamoia no local arqueológico de Knowth, Irlanda



Fig. 35 – Entrada na Mamoia do local arqueológico de Knowth, Irlanda

⁶ Em numerosos casos o que resta destas construções é apenas a parte executada em pedra, mais resistente às acções do tempo.

Desta forma, a mamoa apresenta geralmente uma forma oval ou circular e tem, como principal finalidade, a protecção do dólmen os chamados ladrões de túmulos, chegando mesmo a confundir-se com a própria Natureza, reforçando uma vez mais a capacidade protectora e a subtilidade da arquitectura subterrânea.

Para além de proteger e esconder a sepultura, a mamoa serve também para lhe conferir uma certa monumentalidade e uma forte carga simbólica. Encontrando-se escondido debaixo desta construção artificial, o dólmen pode ser visto como uma espécie de “útero” do ventre materno da Mãe-Natureza, ao qual o ser humano regressa depois de terminar a sua vida na Terra.

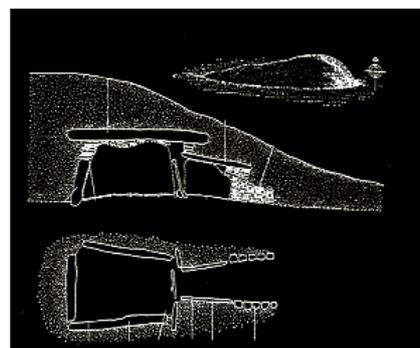
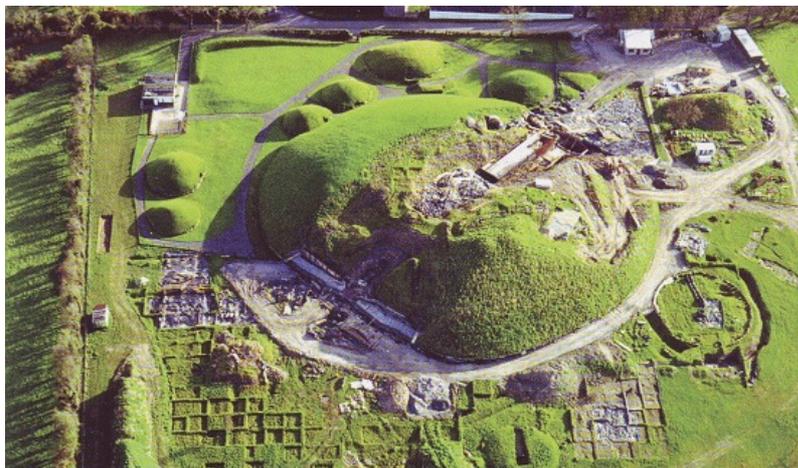


Fig. 37 – Corte e planta esquemáticos de uma mamoa



Fig. 38 – Mamoa e Dólmen de Hérault, França



Fig. 39 – Vista das mamoas do local arqueológico de Knowth, Irlanda

Fig. 36 – Vista aérea do local arqueológico de Knowth, Irlanda

Túmulos micénicos: o Tesouro de Atreus

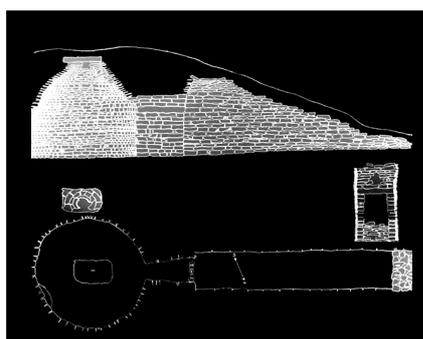


Fig. 40 – Corte e planta tipo de um "tholos"



Fig. 41 – Tesouro de Atreus, entrada do túmulo (séc. XIII a. C.)

Na tradição funerária micénica era costume sepultar os mortos em câmaras escavadas na rocha, porém, esta prática era inadequada para os reis e seus familiares. Neste sentido, foram desenvolvidos túmulos adequados, em termos de organização e monumentalidade, para receber os restos mortais dos soberanos, dando origem à criação dos chamados "tholos", isto entre cerca de 1510 e 1220 a.C.

Trata-se de uma estrutura circular subterrânea inserida na paisagem, recoberta por uma abóbada em consola e protegida por um montículo de terreno.⁷

Um dos mais belos exemplares deste tipo de construções é o denominado "Tesouro de Atreus" ou de Agamémnon, realizado no decorrer do século XIII a. C. Não se tratava mesmo de uma "câmara do tesouro", mas foi apelidado de desse modo devido à riqueza dos objectos fúnebres que lá se encontraram.

Com mais de treze metros de altura, o "tesouro de Atreus" é a maior construção abobadada pré-romana conhecida, tendo na abóbada em consola a sua principal característica.

⁷ Estes túmulos figuram entre os monumentos micénicos mais sumptuosos.

A organização interna do túmulo é feita numa sequência de três espaços que nos revelam igualmente o desenvolvimento dos rituais funerários. Em primeiro surge o “dromos”, um corredor/entrada com 36 metros de comprimento e 6 metros de largura, que se afunda até atingir a porta de entrada, com cerca de 8 metros de altura. Segue-se a câmara funerária e espaço principal, esta é denominada de “tholos” e assume a configuração de um espaço circular abobadado com cerca de 14 metros de diâmetro. No caso do “tesouro de Atreus”, existe ainda uma câmara auxiliar anexa ao “tholos”, uma câmara funerária, porém, a existência deste espaço é pouco comum neste tipo de construções.

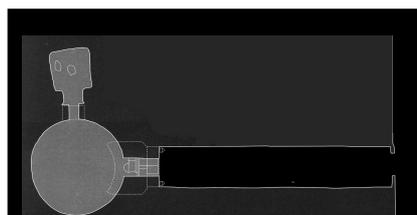


Fig. 43 – Tesouro de Atreus, planta (séc. XIII a.C.)

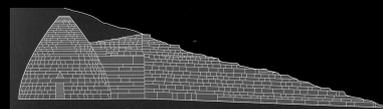


Fig. 44 – Tesouro de Atreus, corte longitudinal (séc. XIII a.C.)



Fig. 45 – Tesouro de Atreus, corte transversal (séc. XIII a.C.)



Fig. 46 – Tesouro de Atreus, perspectiva axonométrica (séc. XIII a. C.)

Fig. 42 – Tesouro de Atreus, vista exterior do momento de entrada (séc. XIII a.C.)

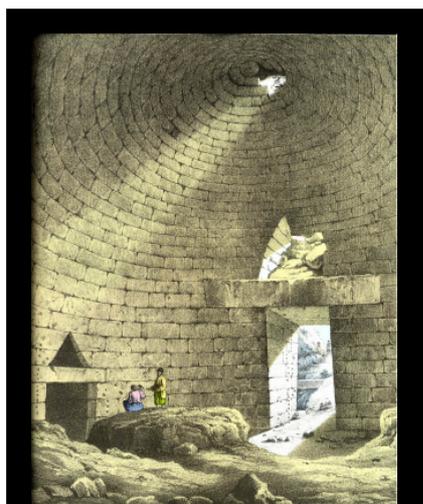


Fig. 47 – Gravura do Tesouro de Atreus

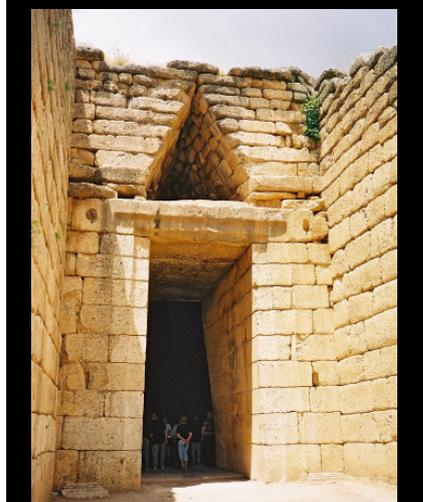


Fig. 48 – Entrada do Tesouro de Atreus (séc. XIII a.C.)

De destacar ainda a cobertura do espaço principal através de uma cúpula. Esta assemelha-se a um alvéolo e é constituída por camadas horizontais de alvenaria, dispostas de forma escalonada, em que cada camada superior era saliente relativamente à inferior, sendo assim até ao cume. Após a construção da cúpula, o túmulo era enterrado, aumentando a estabilidade da construção e melhorando a integração da obra na paisagem.⁸

Como facilmente se depreende, o Homem não se limita a apropriar-se dos espaços que a Natureza lhe oferece, ele também sente necessidade de construir alguns destes monumentos com as suas próprias mãos. Exemplos disso são os hipogeus egípcios (Abú Simbel e Hatsepsut), os “tholos” sagrados ou os túmulos romanos, onde esta vontade está bem patente. Embora estejam igualmente embutidos na terra, ao contrário do que acontecia até este momento da História, nestes casos a escavação já não é natural, mas sim artificial.

⁸ Novamente, e seguindo a mesma lógica das mamoas, a construção é protegida com um montículo de terra de modo a preservar o túmulo.

A arquitectura escavada no Antigo Egipto

A vida eterna era o princípio fundamental da civilização egípcia e por isso as “residências” funerárias deveriam ser resistentes e perenes. Como consequência, estas exigiram construções que mantinham no seu interior a prática da imitação da arquitectura doméstica.

Para além disso, os túmulos egípcios eram por vezes sujeitos a saqueamentos e, para evitar que isso acontecesse, os túmulos foram sendo escavados ou enterrados no terreno (hipogeus), dando-lhes mais resistência, segurança e protecção.

O templo de Hatshepsut, da XVIII dinastia, é um caso peculiar. Começou por ser um templo funerário ou comemorativo para a rainha Hatshepsut mas também se destinava a honrar compromissos religiosos. No seu interior existem vários espaços reservados ao culto, mas o destaque vai para o santuário dedicado ao deus Amon, que se encontra inteiramente escavado na rocha.

Este templo é um exemplo da arquitectura escavada no Egipto, singularizando-se pelo seu desenvolvimento em três plataformas sobrepostas, embutidas na rocha e unidas entre si por um sistema de rampas de acesso.



Fig. 49 – Perspectiva axonométrica do templo de Hatshepsut

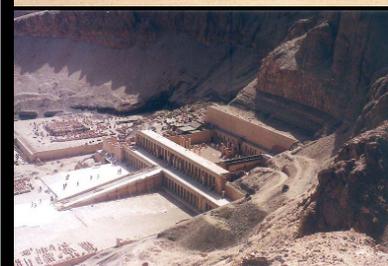


Fig. 50 / 51 – Vistas do templo de Hatshepsut



Fig. 52 – Templos de Abu Simbel (1260 a.C.)

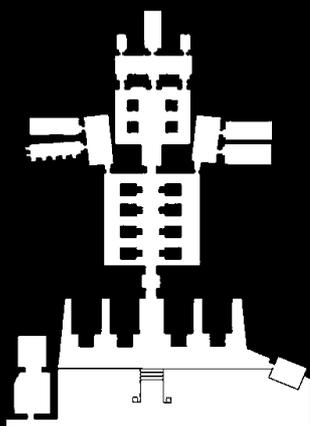


Fig. 53 – Planta do templo de Ramsés II (1260 a.C.)



Fig. 54 – Fachada do templo de Ramsés II (1260 a.C.)

Estes templos/túmulos talhados na rocha chegam a atingir uma grande complexidade na era de Ramsés (XIX dinastia), no que diz respeito ao sistema de organização espacial de câmaras.

Exemplos disso são os templos de Abu Simbel, de 1260 a.C., construídos no reinado de Ramsés II, na fronteira do Egito com a Núbia. Abu Simbel é um complexo constituído por dois grandes templos escavados na rocha. O primeiro templo, de escala monumental, foi dedicado a Ramsés II, enquanto que o outro, de menores dimensões, foi dedicado à sua rainha Nefertari.

O grande templo de Abu Simbel encontra-se encaixado numa montanha rochosa calcária e assume dimensões exorbitantes, causando impacto e destacando-se como um símbolo.

A entrada, estreita e guardada pelos quatro colossos de Ramsés II, leva até uma grande sala hipóstila. É a partir desta sala que se distribuem todos os restantes compartimentos e câmaras. O santuário é a última sala nesta sucessão de espaços e trata-se da sala mais digna e protegida de todo o conjunto, guardada mesmo no interior da montanha.

Enquanto que o grande templo de Abu Simbel é um templo com estatuária excessiva e de grandes dimensões, por outro lado, o templo de Nefertari é bem mais simples e parece ter sido baseado no templo funerário da rainha Hatshepsut, tendo em conta que é muito simples e construído em dimensões bastante inferiores às do grande templo. No entanto, em termos de organização espacial, existe bastantes semelhanças em relação ao templo de Ramsés II, embora contenha menos compartimentos, sendo igualmente menos complexo.

Estes túmulos, incrustados nas montanhas, eram a antítese das pirâmides. De facto, a intenção de manter a simbiose com a Natureza passava principalmente por uma atitude de camuflagem perante salteadores e ladrões de túmulos.

A tática de enterrar e escavar os túmulos permitiu que se mantivessem preservados durante séculos e resistem, ainda hoje, vários exemplares desta arquitectura, todos eles impressionantes, tanto em escala como em concepção.

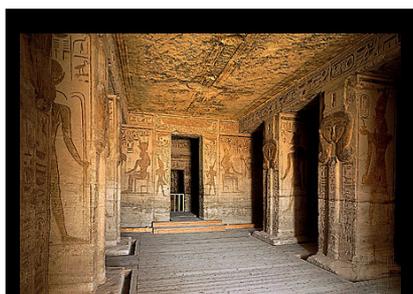


Fig. 55 – Interior do templo de Nefertari (1260 a.C.)

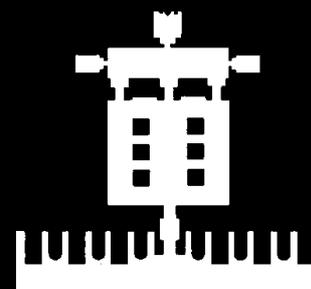


Fig. 56 – Planta do templo de Nefertari (1260 a.C.)



Fig. 57 – Fachada do templo de Nefertari (1260 a.C.)

As catacumbas na Roma Antiga

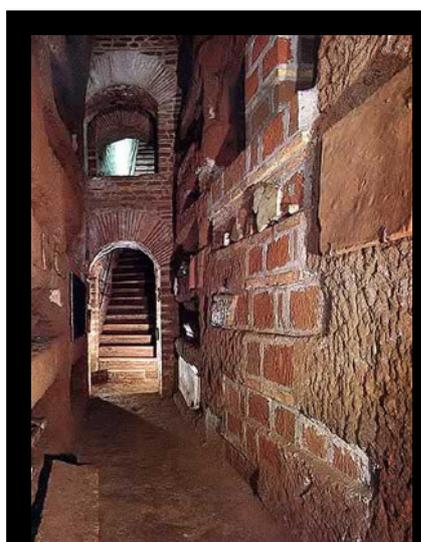


Fig. 58 – Catacumbas de Santa Priscila, Roma

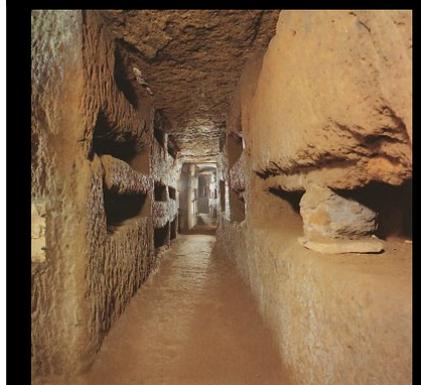


Fig. 59 – Catacumbas de São Calisto, Roma

As catacumbas eram os antigos cemitérios subterrâneos onde a comunidade cristã de Roma enterrava os seus mortos, a partir do século II até à primeira metade do século V. Estas eram formadas por galerias subterrâneas labirínticas que podiam chegar a atingir vários quilómetros de extensão. Nas suas paredes de eram escavadas algumas filas de nichos rectangulares, denominados lóculos que podiam conter um ou mais cadáveres.

Aquando das perseguições romanas aos cristãos, as catacumbas passaram a ser também o local de reunião e de culto albergando toda a comunidade nas suas celebrações religiosas secretas. Assim, os extensos labirintos subterrâneos passaram a conter também outros espaços tais como salas destinadas a cerimónias, mausoléus familiares, criptas e autênticas igrejas subterrâneas.

Actualmente, ao redor de Roma ainda existem mais de sessenta catacumbas. Porém, destacam-se algumas das mais importantes, tais como: as Catacumbas de Santa Inês, as Catacumbas de Priscila, as Catacumbas de Domitila, as Catacumbas de São Sebastião e as Catacumbas de São Calisto.

Ermidas rupestres

No vale de Valderredible, Cantábria, uma série de condições geológicas e climáticas proporcionou o desenvolvimento de uma arquitectura muito específica, durante o período da Alta Idade Média. Assim sendo, foram escavadas nas encostas deste vale várias ermidas e santuários, destinados à oração e comemoração dos defuntos, servindo também de local de refúgio perante inimigos religiosos.⁹

Estas ermidas escavadas na rocha apresentam concepções muito simples, geralmente de uma nave de área rectangular, embora com intenções formais muito específicas. Encontrando-se embutidas na rocha, estas capelas eram cobertas por abóbadas de canhão, um pouco rudimentares, o que as remete para fontes de construções paleocristãs ou mesmo tardo-romanas, mas a sua concepção espacial parece seguir os modelos de organização das igrejas pré-românicas.

As ermidas pressupunham um modo de vida de retiro, oração e penitência.



Fig. 60 / 61 / 62 – Exemplos de ermidas rupestres, Cantábria

⁹ Datadas dos séculos da invasão muçulmana da Península Ibérica, estas ermitãs eram os refúgios dos monges perante a ameaça árabe.



Fig. 63 – Planta esquemática de um conjunto de ermidas (celas) escavadas e agrupadas numa encosta em torno de um curso de água



Fig. 64 / 65 – Interiores de ermidas rupestres, Cantábria

Parte-se do princípio que inicialmente esta prática fosse efectuada nas cavernas naturais e posteriormente estas fossem alteradas pelo homem, numa tentativa de conferir mais dignidade e simbolismo ao espaço de oração e devoção. A envergadura e importância destas construções passou a ser de tal ordem que inúmeros eremitas se juntavam e escavavam suas “celas” nas encostas formando complexos semelhantes a mosteiros.¹⁰

Embora o espólio deste tipo de espaços seja abundante, o seu estudo tem sido escasso. Apesar disso, é possível retirar algumas conclusões sobre estes “fenómenos” semi-naturais. Por um lado, tal como já se tem demonstrado ao longo deste estudo, a utilização do terreno para escavar espaços não é algo isolado de nenhuma situação em particular. No entanto, tratando-se de edifícios destinados a práticas religiosas e assumidamente cristãs, este tipo de construção parece ser quase ideal. Por outro lado, em termos cronológicos, o mais provável é que estas construções datem dos séculos VII a X, vinculando alguns dos seus elementos ornamentais à estética asturiana e moçárabe.

¹⁰ Estes conjuntos podiam contar com capelas, cemitérios, zonas comuns e até armazéns para albergar provisões para a comunidade.

As cidades escavadas dos Nabateus: Petra e Al-Hijr

Habitada desde a pré-história, Petra, na Jordânia, é uma cidade que se foi desenvolvendo ao longo de um vale com as suas construções escavadas nas montanhas. Actualmente, é um importante local arqueológico que revela todos os dias um pouco mais sobre os diversos povos que a ocuparam e que a construíram.

Nas suas construções é notória a sobreposição de várias influências e tradições de diversos povos. No entanto, apesar de todas estas incursões, destaca-se essencialmente a colonização de Petra por parte dos Nabateus (tribo árabe), que a transformaram na sua capital.

O seu súbito desenvolvimento ao longo dos séculos deveu-se ao facto de ser um marco importante na rota comercial entre a Península Arábica e a Síria (séc. VI a.C.).

Porém, com a alteração das rotas comerciais, Petra começou a entrar em declínio e, para além disso, um terramoto devastador ocorrido em 551 d.C. destruiu grande parte da cidade. A partir daí Petra começou a entrar no esquecimento, até ao momento em que foi redescoberta, em 1812.

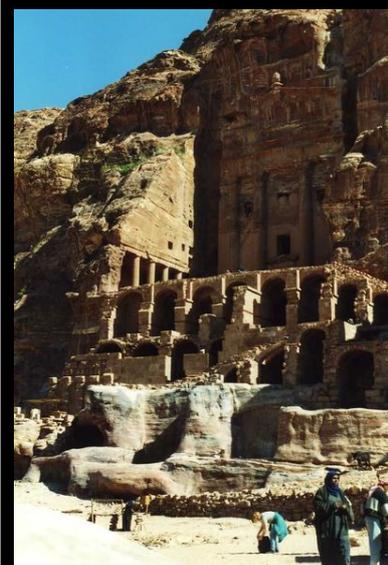
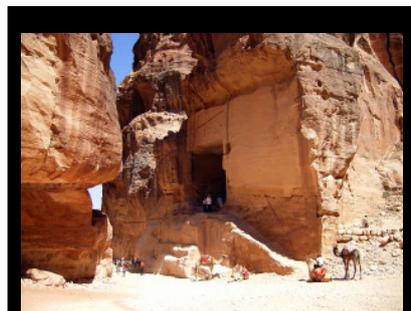


Fig. 66 / 67 – Edifícios escavados na rocha, Petra



Fig. 68 – Al-Siq desembocando na cidade escavada

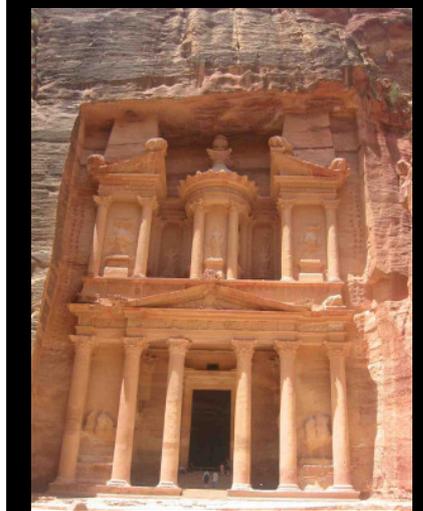


Fig. 69 – El Khazneh ou a “câmara do tesouro”

Tal como já foi referido, o que mais impressiona e se destaca neste local são os edifícios, templos, túmulos e diversas câmaras que serviram para numerosos e desconhecidos programas ao longo do tempo e que se encontram escavados na rocha.

A cidade propriamente dita encontra-se resguardada no interior do vale e o seu acesso é feito por entre montanhas, num caminho estreito e protegido conhecido como Al-Siq. E é exactamente no desembocar desta entrada que se encontra o monumento mais famoso da cidade, o El Khazneh, também conhecido por Câmara do Tesouro.

Este edifício apresenta uma forte monumentalidade, desenvolvendo-se em dois níveis e apresentando vários elementos de inspiração clássica. Supõe-se que date de 86-62 a.C., momento de expansão dos ideais helenísticos, o que justificaria a composição da fachada desta construção.

No que diz respeito a programa, a função original da Câmara do Tesouro mantém-se uma incógnita. Porém, através dos símbolos de carácter funerário esculpidos nas fachadas, acredita-se que se tratasse de um túmulo real, um templo, um santuário ou um mausoléu comemorativo.

Nas imediações desta construção encontra-se um teatro, também esculpido na própria rocha e, mais adiante, surgem vários túmulos incrustados nas montanhas, que provavelmente se destinavam a reis nabateus.

A finalizar o percurso, encontramos mais um edifício marcante, igualmente escavado na rocha, conhecido como o Mosteiro ou Al-Deir e que apresenta a maior fachada de todos os túmulos. Foi construído para servir de túmulo, porém foi designado de “Mosteiro” devido às cruzes esculpidas na sua fachada.

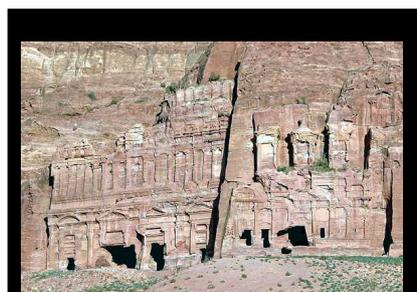
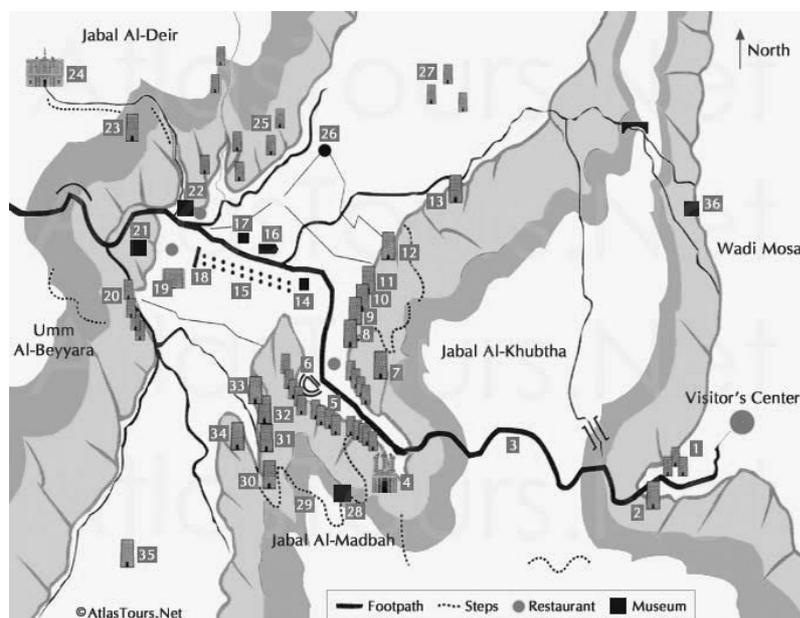


Fig. 71 – Túmulos incrustados na montanha, Petra



Fig. 72 – Al-Deir ou “o Mosteiro”

Fig. 70 – Mapa arqueológico da cidade de Petra



Fig. 73 – Ruínas da cidade construída de Petra



Fig. 74 – Fachada de Templo esculpido na rocha com léxico de inspiração clássica, Petra

Todavia, a cidade não comportava apenas arquitectura escavada. Acredita-se que terão existido outros edifícios realmente construídos e dispostos ao longo de uma rua colonada. Porém, estas construções foram destruídas pelos terremotos, restando apenas os monumentos escavados nas montanhas.

Como se tratavam principalmente de câmaras funerárias, destinadas a acomodar eternamente as almas dos altos dignitários que lá eram sepultados, estes edifícios deveriam ser perenes. Assim, construindo no interior da montanha, estas edificações perduram e resistem aos ataques seculares.

Desta forma, as construções escavadas na rocha demonstraram ser mais eficazes do que as construídas em pedra, resistindo aos terremotos e às acções do tempo, da ruína e do esquecimento.¹¹

¹¹ A 6 de Dezembro de 1985, Petra foi reconhecida como Património da Humanidade pela UNESCO e, em 2007, foi considerada uma das novas maravilhas do mundo.

Por sua vez, o conjunto arqueológico de Al-Hijr, encontra-se localizado a sul de Petra, na Arábia Saudita. Trata-se de uma cidade escavada nas montanhas, à semelhança de Petra, e da autoria do mesmo povo, os Nabateus. Este local revela-nos um pouco mais sobre a tradição construtiva desenvolvida entre o século I a.C. e o século I d.C., na qual está patente um elevado grau de disciplina arquitectónica, devido às condições em que é executada (escavada num terreno montanhoso).

Neste local, é possível a observação de um conjunto de câmaras escavadas no terreno, cuja intervenção humana é demarcada de forma consciente e intencional nos momentos de entrada para estes espaços.

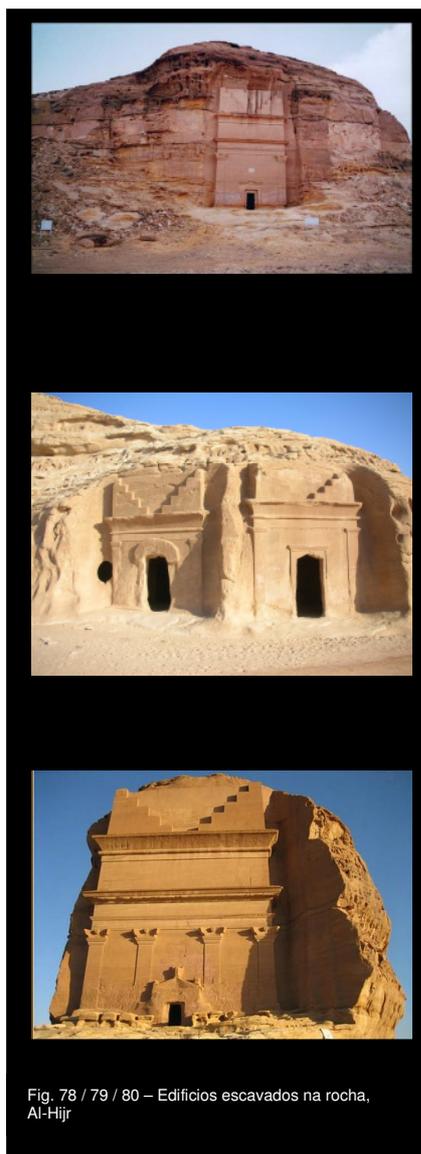
Porém, esta intrusão do Homem na Natureza apenas realça as suas características e retorna ao modo mais antigo de se abrigar: no seio da terra. Trata-se portanto de uma intervenção que revela grande respeito pelos meios que a Natureza dispõe.



Fig. 75 / 76 – Edifícios escavados na rocha, Al-Hijr



Fig. 77 – Marcação dos momentos de entrada dos edifícios, Al-Hijr



A presença desses espaços escavados, os numerosos poços de água, a existência de vários terrenos férteis e a localização estratégica perante rotas de comércio e ligações a centros urbanos, pressupõe que se tratasse de um local habitado e não apenas de uma necrópole.

A partir do espólio arqueológico e arquitectónico incrustado na paisagem rochosa, distinguem-se varias áreas: uma área de túmulos, uma área religiosa e também uma área residencial.

A opção de construir em sintonia com a paisagem poderá ser devido a um aproveitamento dos meios disponíveis e não por uma atitude de camuflagem, ao contrário de outros aglomerados que se fundem no terreno para passarem despercebidos e protegidos e, desse modo, servirem de abrigos ou refúgios.¹²

¹² Esta cidade, à semelhança de Petra, também figura na lista do Património da Humanidade da UNESCO, tendo sido adicionada recentemente.